

ASSIM SOFRERAM OS DEUSES, ASSIM SOFREM OS HOMENS: O MITO DE JACINTO EM DORA FERREIRA DA SILVA

Jamille Rabelo de Freitas*

RESUMO: Com uma escrita influenciada por elementos míticos, a obra de Dora Ferreira da Silva demonstra como a arte poética tem consanguinidade com a mitologia, ao tempo em que advoga a necessidade de se produzir uma lírica atemporal. Almejamos aqui, apresentar um pouco dessa poesia atemporal da autora e investigar, através de poema destinado ao mito de Jacinto, como se dá a relação entre os elementos míticos constituintes da poética de Dora e a condição humana. Partindo do reflexo de Jacinto na lírica da autora e amparados pelos estudos dos relatos míticos de Thomas Bulfinch e pelos conceitos do imaginário propostos pela estudiosa Ana Maria Lisboa de Mello, trataremos da problemática do sofrimento humano no relacionamento amoroso com o Outro.

PALAVRAS-CHAVE: Dora Ferreira da Silva, Mito, Poesia, Mito de Jacinto.

ABSTRACT: With a writing influenced by mythic elements, the work of Dora Ferreira da Silva demonstrates how poetic art has inbreeding to mythology, the time that advocates the need to produce a timeless lyric. We wish to present here some of this timeless poetry of the author and investigating, through the poem for the myth of Hyacinth, how is the relationship between the constituents of the mythical elements that lyric poet and the human condition. From the reflection of the lyrical Jacinto of the author and supported by studies of the mythical stories of Thomas Bulfinch and the concepts of imaginary, proposed by Ana Maria Lisboa de Mello, we address the problem of human suffering in loving relationship with the Other.

KEY-WORDS: Dora Ferreira da Silva, Myth, Poetry, Myth of Hyacinth.

* Bolsista FAPEMIG/UFU de Iniciação Científica e graduanda em Letras na Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Letras e linguística. E-mail: jahmrabelo@gmail.com. Orientadora: Prof^a Dr^a Enivalda Nunes Freitas e Souza.

1. A poesia ancestral de Dora Ferreira da Silva

Dora Ferreira da Silva, poetisa paulista, revela em sua obra uma lírica permeada por simbolismos e repleta de mitificação. Nascida em Conchas, em 1º de julho de 1918, falecendo em São Paulo no dia 6 de abril de 2006, a autora - contemplada por três vezes pelo Prêmio Jabuti e reconhecida pela Academia Brasileira de Letras, através da conquista do Prêmio Machado de Assis – traduziu autores como Milosz, Sain-John Perse, San Juan de la Cruz, D. H. Lawrence, Hölderlin e Angelus Silesius, tendo traduzido, inclusive, nomes de peso como Carl Gustav Jung, T. S. Eliot e Rilke.

Ainda que a poesia de Dora Ferreira da Silva tenha longa jornada – cerca de 50 anos - foram seus trabalhos de tradução que lhe renderam maior notoriedade. Contudo, sua poesia, das mais ricas da nossa lírica, mereceu prefácios, posfácios e ensaios de nomes como Gerardo de Mello Mourão, Ivan Junqueira, José Paulo Paes, Cassiano Ricardo e Vilem Flusser, entre outros. Em sua lírica, as formas simbólicas e arquetípicas são presença constante por sua essencialidade e, embora a autora tenha em sua voz poética um grande número de obras¹, é com o livro *Hídrias*, sua última obra lançada em vida, que Silva intensifica sua relação com a temática mítica.

Com 25 poemas que evocam e elevam a beleza dos principais mitos gregos, o livro *Hídrias* é instrumento manifestador da relação entre a condição humana e a atemporalidade mitológica. Na obra, Dora transpõe os mitos antigos para o cotidiano, e reativando-os, a escritora sensibiliza seus leitores, fazendo-os refletir sobre o sentido da existência humana. Acerca da poesia mítica de Dora, a pesquisadora Enivalda Nunes Freitas e Souza (2011, p. 09) comenta:

A poesia de Dora Ferreira da Silva reside no espaço do sagrado, lá onde os deuses sopram a música e alinham o poema, promovendo uma harmonia

¹ Obra poética publicada em vida: *Andanças* (1970), *Uma via de ver as coisas* (1973), *Menina seu mundo* (1976), *Jardins (esconderijos)*, (1979), *Talhamar* (1982), *Retratos da origem* (1988), *Poemas da estrangeira* (1996), *Poesia reunida* (1999), *Cartografia do imaginário* (2003), *Hídrias* (Odysseus, 2004). Postumamente, foram lançados *O leque* (2007), *Appassionata* (2008) e *Transpoemas* (2009).

cósmica em que vida e poesia se alimentam mutuamente. Assim, a poeta perpetua um tipo de poesia da mais pura tradição lírica, filha de Orfeu, poesia do resgate dos deuses, dos mitos, da força elementar da natureza, e em tudo estranha às produções da poesia brasileira contemporânea.

Elementos fundamentais na poesia de Dora, os relatos míticos são constituintes do processo de perenidade da sua poesia e indispensáveis na retomada da sacralidade da escrita lírica. Criados pelos gregos como forma de expressão daquilo que sentiam e vivenciavam, e, sobretudo, para explicar fenômenos e sentimentos que não compreendiam, os mitos existem desde épocas imemoriais e são utilizados com o propósito de compreender e explicar o mundo e o homem. Ligados aos conceitos arquetípicos, essas narrativas míticas manifestam-se através de símbolos e imagens, e com isso, tornaram-se modelos, padrões de conduta para grande parte dos comportamentos humanos, atribuindo a eles significação e valor.

De acordo com João Ribeiro Júnior (1992), o mito nos obriga a voltar às origens, verificar o fundamento das coisas; nele, a realidade é sempre vista como realidade para o homem. Com uma relação baseada em arquétipos - a base de todo o pensamento humano, as ideias universais e imutáveis – eles seriam uma espécie de verdade socialmente aceita que contribui para a manutenção das instituições sociais, delineando padrões de comportamento atemporais, que funcionam como referenciais para a nossa caminhada existencial, pois como aponta Souza (2010, p. 84):

[...] o mito encerra os paradigmas das situações que não podem ser explicadas, oferecendo ao homem uma possibilidade de compreensão de si e do universo; o mito caminha à frente da história, permitindo que a história se compreenda por ele [...].

É essa a principal função de poetas como Dora Ferreira da Silva: fazer “renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos próprios da produção mítica”, como bem nos aponta Mello (2002, p. 43). A poeta ratifica, através de sua lírica, essa aproximação entre mito e poesia, e o faz no seu sentido mais puro, de maneira a validar a conceituação de “poeta mítico” proposto por Maria Zaira Turchi, em sua obra *Literatura e antropologia do imaginário*:

Poeta é quem, ao relembrar o mito, é capaz de recriá-lo. A figuração arquetípica em si permanece com o único significado, que é o etimológico; mas o mito, como núcleo, resumo de um evento histórico, embora *in illo tempore*, pode oferecer a possibilidade de florescer poeticamente desde que seja aplicado num outro contexto (TURCHI, 2000, 13).

De descendência helênica, Dora é fascinada pela mitologia grega e em *Hídrias* múltiplos mitos são explorados através da sua poesia. Como diria Souza (2011, p. 04): “Ao remitologizar um arquétipo, criando novos símbolos e novas situações, a poeta atualiza as verdades primordiais impressas nessas ideias primeiras e as coloca em confronto com o momento. É por isso que o mito vive.” A própria Dora, em entrevista à Revista Cult demonstra comungar dessa filosofia:

Acho que o papel do poeta é parecido com o daqueles que levam a tocha na Olimpíada. Mesmo que o mundo esteja dessacralizado, temos que acreditar que a vida é forte, transforma-se e cria novas saídas. [...] Dar o pouco que se tem, ser fiel à sua voz interior, é o que se pede aos poetas na tentativa de suprir essa carência dos deuses.²

2. O mito de Jacinto e a condição humana

O poema seguinte é uma mostra de como a essência do mito é revelada na poesia de DFS. Nele, a poeta discorre acerca do mito de Jacinto e da sua complexidade, representando a singularidade da condição humana.

HYACINTHOS (II)

Foi Zéfiro ou Bóreas, o pérfido,
que o disco desviou de seu percurso

² Dora Ferreira da Silva em entrevista concedida a Revista Cult. Disponível em:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/dgp5.html>

quando no arremesso o belo Apolo te fitava?
Tão radiosa tua beleza, que a própria Beleza
a desejou, como se em si não a tivesse.
Foi Zéfiro ou Bóreas a desferir o golpe mortal
na clara manhã em que o ciúme o cegava?

Em lágrimas Apolo se lamenta. Empalideces,
e a nova flor, inicial rubra de teu nome,
abre as pétalas.

(SILVA, 2004, p. 41)

Tal qual o mito de Narciso, a mitologia acerca de Jacinto trata da beleza e das sensações efêmeras que a ela se aliam. De acordo com o mito, descrito por Thomas Bulfinch, em sua obra *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*, Jacinto, assim como Narciso, era um jovem de extrema beleza e formosura, ao ponto de despertar o amor de muitos, inclusive o de Apolo.

Diz-se que o amor do deus por Jacinto era tão intenso que ele esquecia de si próprio e de algumas de suas obrigações, para passar todo o seu tempo longe de Delfos, entretendo-se com o jovem. Em tudo Jacinto era auxiliado por Apolo: “acompanhava-o em suas atividades físicas, carregava as redes quando este ia pescar, conduzia os cães quando ele ia caçar, seguia-o em suas excursões nas montanhas, e por causa dele negligenciava a sua lira e suas flechas”, conforme nos aponta Bulfinch (2006, p. 97).

Certo dia, os jovens saíram juntos para arremessar discos. Forte e bastante habilidoso, Apolo lança o disco em tamanha velocidade que o arremesso alcança uma extrema altitude. Jacinto, cheio de entusiasmo corre ao encontro do objeto para fazer o seu próprio arremesso, porém, uma tragédia acontece:

[...] o disco ricocheteou no solo e atingiu-o na testa. O jovem caiu e perdeu os sentidos. O deus, tão pálido quanto Jacinto, ergueu-o e usou de todas as suas habilidades para estancar o sangue do ferimento e salvar a vida que se esvaía, mas tudo foi em vão. A gravidade do ferimento estava além do alcance da medicina. Assim como um lírio que teve a sua haste quebrada e pende a sua flor para a terra, assim também a cabeça do jovem moribundo,

como se tivesse se tornado pesada demais para sustentar-se sobre o pescoço, despencou sobre o próprio ombro. (*idem, ibidem*)

Desolado de tristeza, Apolo brada:

- Morreste Jacinto! Por minha culpa, roubado de tua juventude. Teu é o sofrimento, meu é o crime. Quisera eu morrer por ti! Mas já que isso não pode acontecer, tu hás de viver em minha memória e em minhas canções. Minha lira há de celebrar-te, minha música há de cantar o teu destino, e tu te tornarás uma flor na qual os meus lamentos estarão inscritos. (*idem, ibidem*)

Apolo chora e, enquanto transforma o jovem em uma flor, uma de suas lágrimas cai e toca uma das pétalas de cor púrpura. Nesse terrível e doloroso momento, Apolo presta um tributo a Jacinto: “Para engrandecer a homenagem ao jovem, marcou as pétalas com o seu pesar, nelas inscrevendo o seu “Ah! Ah!”, como ainda hoje se vê. A flor se chama Jacinto, e a cada nova primavera ela revive a memória de seu destino” (BULFINCH, 2006, p. 98-9).

3. A beleza amaldiçoada de Jacinto

Dora começa seus versos fazendo referência a uma das versões do mito de Jacinto que atribui a Zéfiro, o deus do vento oeste, a culpa pelo ricocheteamento do disco: *Foi Zéfiro ou Bóreas, o pérfido,/ que o disco desviou de seu percurso/ quando no arremesso o belo Apolo te fitava?* De acordo com essa versão, Zéfiro, um dos muitos encantados pela beleza do jovem mancebo, enciumou-se da primazia de Jacinto por Apolo e resolveu se vingar. Assim, ele desviou o disco arremessado por Apolo, que atingindo o jovem Jacinto, matou-o.

Jacinto tem seu destino selado pela sua beleza, pois essa perfeição que atrai inúmeros admiradores é a mesma perfeição que o leva à morte, pelo ciúme de Zéfiro. A beleza extrema de Jacinto se torna objeto de maldição para ele. E era tanta perfeição que até a rainha suprema da *Beleza* – a deusa Afrodite – o inveja: *Tão radiosa tua beleza, que a própria Beleza/a desejou, como se em si não a tivesse.*

Ora, o jovem não ficaria impune. Humilhar uma deusa assim, não era façanha permitida. Não poderia ser diferente, já que, naquele tempo, a beleza fora do comum em mortais era algo censurável e passível de punição. Essa característica só era permitida às divindades, conforme afirma Junito Brandão (1998, p. 175):

É que também a beleza era uma outorga do divino: constituía, portanto, uma "démeseure", a ultrapassagem do *métron*, ufanando-se alguém de um dom que não lhe pertencia. *Némesis*, a justiça distributiva e, por isso mesmo, a vingadora da injustiça praticada, estava sempre atenta e pronta para punir os culpados.

Toda a trajetória de Jacinto gira em torno dessa beleza amaldiçoada. É dela que decorre a paixão desmedida de Zéfiro, e a ele está aliado o ciúme. O amor não correspondido, o desejo de posse e por fim a vingança; tudo isso é problematizado através do mito de Jacinto. E é absurda a sua atemporalidade. Quantos Zéfiros não vemos a estampar manchetes de revistas e/ou telejornais? Quantos Bóreas – seres fortes e de temperamento violento – não se revelam no nosso cotidiano? Quantos ricocheteamentos de discos não são praticados diariamente por esses deuses do vento enciumados?

Falar de Zéfiro é falar do homem contemporâneo. Cego pelo sofrimento causado pelo amor, pela resistência do ser amado, pela falta de reciprocidade, esses deuses vieram e vêm *desferir o golpe mortal*. Ofuscando a luminosidade dos jacintos *na clara manhã*, deixam apolos chorosos e desolados, a lamentar um destino tão trágico. Os apolos que são amigos, os apolos familiares, os amores-apolos. *Em lágrimas Apolo se lamenta*.

Jacinto, então, segue sua *moira*. A haste que equilibrava seus pensamentos foi decepada e voltava-se para o solo. Apolo, que nada pode fazer em favor do seu amado, *Empalidece*, pois sabe que o Amor anda de mãos dadas com Tânatos. Olhando o sangue do ser amado escorrendo para a terra, o deus apaixonado fez nascer uma flor, onde grava em suas pétalas toda a sua dor e sofrimento. *E a nova flor, inicial rubra de teu nome,/ abre as pétalas*.

Conta-se por aí que Apolo, consternado disse:

De fato, meus amores nunca prosperaram; Dafne e Jacinto foram minhas grandes paixões; ela tanto me detestava que se transformar em árvore atraiu-a mais do que minha pessoa; e a ele eu matei com um disco. Nada sobrou-me deles senão restos de suas folhas e flores (Hass, 2009).

A teoria de incompletude existencial e amorosa dos seres humanos, proposta por Platão, é ratificada através desses amores de Apolo. Esses amores que vêm trazer-nos consciência do destino de quem ama, conforme afirma Souza (2010, p. 69): “Dor, medo, loucura, dilaceração. Esses são os frutos do amor; essa é a vida de quem bebe no copo da paixão, pois encontra a dissolvência, que é a fuga e o desaparecimento completo de si, convertido no objeto amado”.

4. Considerações finais

Assim como a busca pela compreensão da existência humana, o mito de Jacinto é atemporal. Independente do momento ou lugar, os sentimentos humanos nunca são modificados. Essa é a força do mito, e é isso que mostra Dora Ferreira da Silva: como o mito de Jacinto se relaciona com o homem e o mundo em que habita.

Como diria o poeta mexicano Octávio Paz (1982, p. 50): “No poema a sociedade se depara com os fundamentos de seu ser, com sua palavra primeira. [...] O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos”, e com essa fala do poeta fica justificada a presença do mito de Jacinto na obra de Dora Ferreira da Silva. Com esse relato poético, vemos como ninguém está imune a dor, como estamos todos suscetíveis a ela; e aqui não me refiro somente à dor amorosa; me refiro também a dor do luto, da perda de algo/alguém que amamos. Como é difícil lidar com a perda... Nem Apolo, sendo um deus, consegue escapar a esse infortúnio, e talvez para ele essa dor tenha maior intensidade. Detentor da imortalidade, o jovem deus não sabe como agir em meio a essa efemeridade da vida de Jacinto. Apolo sabe que nada pode fazer; só lhe resta a ululação; só lhe resta metamorfosear o mancebo que tanto lhe fez feliz.

Apolo lamenta... Negligenciou a tudo, abandonou-se por aquele amor e agora ele se esvai em meio as suas próprias mãos. Mas ele nada pode fazer; esse é o destino de

quem ama; e essa é a fortuna de quem se deixa anular por esse amor. Dois grupos de seis letras que se associam - Beleza e Inveja - e estabelecem união com uma rima amaldiçoada: amor e dor. É essa a essência do mito de Jacinto e Apolo: mostrar que assim sofreram os deuses, assim sofrem os homens...

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Vol. II, 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: história de deuses e heróis*. 4ª ed. Tradução de Luciano Alves Meira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HASS, Guilherme. *Sobre Deuses e homens*, disponível em: <http://www.osemaforo.com.br/sobre-deuses-e-homens>, acesso em: 11, abr, 2012.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO JR, João. *As perspectivas do mito*. São Paulo: Pancast Editorial, 1992.

SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004.

SILVA, Dora Ferreira da. Entrevista de Dora Ferreira da Silva. [Maio de 1999]. São Paulo: *Revista Cult*. Entrevista concedida a Donizete Galvão. [Online]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/dgp5.html>, acesso em: 01, out, 2011.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. “*Igreja de Ouro Preto*”, de Dora Ferreira da Silva: mitocrítica de um herói assombrado. *Revista da ANPOLL*, n. 28, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/160/173>, acesso em 01, out, 2011.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. Narciso e seu reino de sombra em *Cantares*, de Hilda Hilst. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, 2009.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. A poesia do illud tempus: introdução a arquétipos de Dora Ferreira da Silva. In: YOKOSAWA, Solange Fiuza Cardoso; PIRES, Antônio Donizeti. (Org.). *O legado moderno e a (dis)solução contemporânea* (Estudos de poesia). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1.